

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA CRIANÇAS HOSPITALIZADAS E A BRINQUEDOTECA COMO ESPAÇO DE HUMANIZAÇÃO

Marília Silva

Bacharel em Enfermagem Faculdade Sete de Setembro- Fasete

mariliajocumeira@hotmail.com

RESUMO

A internação Hospitalar é vivida pela criança como uma experiência desagradável, sendo acompanhada de ansiedade, medo, stress desconforto e até dor. A brincadeira é a forma mais autêntica em que a criança expressa suas vivências. Neste cenário surge a brinquedoteca hospitalar que contribui de forma substantiva para minimizar a tensão emocional da criança hospitalizada. A partir dessa realidade, o presente artigo tem como objetivo identificar a importância e os benefícios do ato de brincar para criança hospitalizada e a brinquedoteca como um recurso de enfrentamento as condições hospitalares. Trata-se de uma revisão bibliográfica da literatura onde foram utilizados diversas fontes de pesquisas, entre elas artigos em periódico impresso, artigos em revistas eletrônicas, além de livros e teses. Após os achados que foram analisados, ficou explícito a importância e os benefícios de uma brinquedoteca hospitalar no tratamento das crianças que se encontram hospitalizadas, tais como: recuperação da doença, diminuição de traumas psicológicos, fortalecimento dos vínculos familiares, estímulo e melhoria do desenvolvimento e diminuição de tempo de internação.

Palavra-chave: Brinquedoteca hospitalar. Criança hospitalizada. Brinquedos e jogos. Enfermagem pediátrica. Ludoterapia.

ABSTRACT

Hospitalization is lived by children as an unpleasant experience, accompanied of anxiety, fear, stress, discomfort and even pain. Playing can be the most authentic way a child express its experiences. In this scenario, the hospital playroom highly contributes to minimize the emotional tension of a hospitalized child. From this reality, the present work aims to identify the importance and benefits of playing for hospitalized children and the playroom as a resource to overcome the hospital conditions. It is a bibliographic literary revision in which were used multiple research sources, like articles, books and theses. After analyzing the data gathered, it was explicit the importance and the advantages that a hospital playroom may provide to hospitalized children's treatment, such as the recuperation from diseases, the decreasing of psychological traumas, strengthening of

familiar relationships, improvement on child's development and the decreasing of hospitalization time.

Keywords: Hospital playroom. Hospitalized child. Toys and games. Pediatric nursing. Ludotherapy.

INTRODUÇÃO

A infância é a fase da vida em que o desenvolvimento humano é marcado pela necessidade de frequentes atividades físicas, pois estas são fundamentais para que a criança se familiarize com ambiente a sua volta, e assim aprimore seu conhecimento sobre o mundo, porém, é necessário que se encontrem condições saudáveis. Entretanto, no transcorrer da sua vida, a criança enfrenta períodos de doenças, o que muitas vezes pode ser acompanhado de hospitalização (OLIVEIRA, 2009).

De acordo com Viegas (2008), o processo de hospitalização caracteriza-se, muitas vezes, como uma ruptura do seu ambiente habitual, sendo difícil e até traumática para uma criança, pois dentro do ambiente hospitalar se torna sujeito de uma mudança de rotina, pois, repentinamente, deixa seu lar, sua escola, seus brinquedos, seus amigos. Esta realidade é ratificada por Cunha (2011), quando afirma que a internação hospitalar de uma criança rompe sua rotina de vida, gerando insegurança pela privação de convívio familiar, deixando-a fragilizada, podendo afetar seu desenvolvimento psicomotor.

Para Fortuna (2008), são muitos os resultados negativos no aspecto psicológico de uma criança que passa por uma experiência de hospitalização, contudo, a mesma não deixa de ser criança. Com o mesmo ponto de vista, Oliveira (2008) afirma que o brincar é uma atividade inerente ao comportamento infantil, podendo ser considerado como instrumento de recuperação da saúde. E assim, entende-se que a brinquedoteca torna-se um lugar alegre e descontraído, onde a criança pode e até deve fazer de conta, a fim de que a realidade vivenciada, na fase de hospitalização, seja permeada pelo imaginário.

Portanto, quando se faz uma análise criteriosa sobre os transtornos que a hospitalização pode acarretar na vida de uma criança é que se percebe a atividade lúdica como uma forma de integrar a criança ao ambiente hospitalar. É através do brincar que acontece a sua interação com o ambiente em que está inserida, de forma prazerosa, sem levá-la a perder sua essência de

criança. Por esta vertente, a realização de atividades lúdicas com crianças hospitalizadas tem sido considerada como uma maneira positiva de socialização e interação com outras crianças, outros adultos e familiares; amenizando, substantivamente, os efeitos estressores causados pelo processo de hospitalização (FORTUNA, 2008).

Nesse ínterim, fica explícito que a humanização hospitalar, através de atividades lúdicas em enfermarias infantis, é um tema que vem sendo bastante estudado na área hospitalar. De forma singular, a ludicidade pode proporcionar um controle significativo do emocional da criança internada, minimizando, portanto, as tensões, as angústias e os conflitos (OLIVEIRA, 2008).

A humanização no contexto hospitalar deve ocorrer de forma geral e padronizada, mas também de acordo com suas necessidades. Alguns avanços já foram conquistados, por isso Viegas (2008) pontua a brinquedoteca hospitalar como um dos exemplos de humanização em hospitais públicos e privados. Transitando por esta via, é que a ótica converge para a importância hospitalar desse ambiente, considerando que o mesmo traz em seu bojo um contexto rico e diversificado de atividades que contribuem significativamente para melhorar o emocional da criança que, de repente se encontra em um ambiente novo, diferente da realidade vivenciada no seu dia-a-dia.

No que tange a importância do lúdico na vida da criança, mesmo que hospitalizada, vale trazer para o centro do estudo a brinquedoteca hospitalar, colocando em relevo sua contribuição para o bem-estar da criança. É uma inovação dos hospitais, haja vista que melhora o humor e a aceitação do tratamento, por parte da criança, o que contribui de forma singular para a melhoria do seu quadro clínico e saúde psicológica (CUNHA, 2008).

Nesse sentido, a Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que oferecem atendimento pediátrico em regime de internação. Em seu Artigo 2º assim esclarece:

[...]considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar (BRASIL, 2005).

De acordo com Oliveira, (2008) na brinquedoteca as crianças e acompanhantes interagem e compartilham brinquedos, histórias, emoções, alegrias, tristezas, mesmo em ambiente de hospitalização desse modo desenvolvem aspectos de socialização e cidadania.

O tema escolhido é relevante não só para pesquisa em enfermagem, como também para sociedade de forma geral, uma vez que, incentivar acadêmicos a buscarem cada vez mais evidências através de pesquisas bibliográficas sobre o assunto abordado dará também suporte aos profissionais de saúde e voluntários, no que diz respeito a perceberem a criança hospitalizada de forma holística e humanizada, além de ampliar a contribuição das ciências da educação ao trabalho da pediatria e enfermagem, mobilizando a sociedade no sentido de garantir o direito ao atendimento às crianças hospitalizadas, assegurado no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na Resolução n o 41, do Conselho Nacional de Saúde, de Outubro de 1995, no item 9 – “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

Vale salientar, que este estudo, teve como objetivos identificar a importância e os benefícios do ato de brincar para criança hospitalizada e a brinquedoteca como um recurso de enfrentamento as condições hospitalares, como também listar os aspectos benéficos do lúdico para a recuperação da criança hospitalizada e reconhecer a família, os profissionais da saúde, parceiros e voluntários como protagonistas da humanização hospitalar.

1 CRIANÇA HOSPITALIZADA

A hospitalização é um momento delicado na vida de qualquer indivíduo em qualquer faixa etária de idade, porém na infância esse processo requer uma atenção especial, pois implicará na mudança de vida não só da própria criança, como de toda sua família. A criança enferma e hospitalizada enfrenta uma ruptura social assim como desconforto físico e até um transtorno emocional que o processo de adoecimento e hospitalização pode desencadear (SANTOS, 2011).

A doença não deve ser vista como um agente intruso, e sim, o resultado de um conjunto de causas que geram um processo de desarmonia e desequilíbrio. Logo, o processo de cura não deve se restringir apenas em cuidar do corpo físico, mas do aspecto emocional e psíquico do indivíduo. Neste aspecto, várias iniciativas vêm sendo adotadas pelos hospitais na busca de concretizar uma assistência mais eficaz, tais como terapias, fisioterapias, atendimentos psicológicos e psicopedagógicos (CAPRA, 2001).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como sendo um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Por esta vertente torna-se fundamental oferecer atenção especializada para criança hospitalizada no que tange os aspectos biológicos, psicológicos e sociais, por isso, é tão importante dar realce os fatores interpessoais no processo de cura da criança internada, visto que estes exercem um papel importante na reabilitação da mesma (OLIVEIRA, 2008).

Fortuna (2008, pag. 33) afirma que, para compreender o processo de hospitalização da criança é preciso perceber o espaço hospitalar através do olhar da criança. Assim, torna-se importante que os hospitais vejam o paciente, principalmente a criança, de maneira particularizada e assim ofertar a mesma um atendimento humanizado, com a intenção de viabilizar a cura.

Oliveira (2008) destaca que dentro do contexto hospitalar a criança é submetida a procedimentos desconfortáveis e dolorosos, tais como picadas de agulhas, sono interrompido, dietas pouco atraentes, entre outros. Isso poderá refletir no emocional da criança deixando-a fragilizada e vulnerável ou até mesmo respondendo com agressividade ou mostrando-se depressivas, Fortuna (2008) ainda destaca que a separação das pessoas queridas como: amigos, parentes, professores, assim como a interrupção inesperada da sua rotina de lazer, ida à escola, horários de alimentação e sono, gera na criança uma sensação de ansiedade e sofrimento, uma vez que a mesma vive o desconhecido e precisa confiar em pessoas que nunca teve contato antes.

A presença de familiares durante a hospitalização de uma criança é indispensável uma vez que esta se sente longe do seu lar e de todos que amam. A mãe acompanhante pode minimizar os efeitos de uma separação inesperada, por isso o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no seu cap. I, Art. 12 garante permanência em tempo integral de um dos pais ou responsável em casos de internação (BRASIL, 1990).

Desta forma, é relevante dar realce à resolução nº 41/95 que trata dos Direitos da Criança e do Adolescente hospitalizados. Nesse documento estão descritos vinte itens, dentre eles: o direito a ser hospitalizado quando for necessário o seu tratamento, sem que haja distinção de classe social, condição econômica, raça ou crença religiosa; o direito de ter conhecimento adequado de sua enfermidade, dos cuidados terapêuticos e diagnósticos, respeitando sua fase cognitiva, além de receber amparo psicológico quando se fizer necessário. O direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar, direito a que seus pais ou responsáveis participem ativamente

do diagnóstico, tratamento e prognóstico, recebendo informações sobre os procedimentos a que será submetida (BRASIL, 1995).

Sabatés (2005), afirma que ofertar assistência a uma criança internada implica em dar assistência aos pais por desempenharem um papel de grande importância, dedicando cuidados básicos, auxiliando na recuperação clínica e apoio psicológico. Ainda acrescenta que por isso eles deveriam ser mais bem informados sobre o quadro clínico de seus filhos.

Por muito tempo, imaginava-se que o tratamento das doenças estava relacionado apenas com exames clínicos, remédios e outros procedimentos médicos. Contudo, através de vários estudos desenvolvidos na área da saúde, foi constatado que igual valor tem a preocupação com o emocional, ou seja, com o psicológico da criança enferma (FORTUNA, 2008). Nessa perspectiva, segundo Mitre (2000), o brincar surge como uma oportunidade para a criança expressar sentimentos, preferências, receios e hábitos que podem transitar entre o mundo familiar e a nova situação vivenciada por esta, que podem tornar-se agradáveis ou desagradáveis, dependendo, pois, da maneira como o ambiente é apresentado.

Por esta vertente, Fortuna (2008) afirma que para a criança internalizar positivamente a experiência da internação é necessário que ela disponha de instrumentos de seu domínio e conhecimento. Para isso, nada melhor do que jogos, brinquedos e brincadeiras que amenizam o sofrimento com o qual a criança se depara, inserindo-a num contexto, visto como natural dela, que é o brincar. Ficando evidente, pois, que o brincar surge como uma possibilidade de modificar o cotidiano da internação, realizando um intercâmbio entre o mundo real e o mundo imaginário da criança, permitindo-a transpor as barreiras do adoecimento e, conseqüentemente da internação.

2 O DIREITO DE BRINCAR NO COTIDIANO HOSPITALAR

É um direito garantido em lei conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990), pois o brincar no hospital é a mesma coisa de analisar quem é a criança, suas necessidades e seu desenvolvimento, como o relacionamento com a família afeta seu desenvolvimento e como brincar contribui para seu desenvolvimento e no seu conflito em esta hospitalizada (WIEZZEL; VILLELA, 2008).

Silva e Mattos (2009), destacam que para que a humanização nos hospitais seja alcançada a brinquedoteca é indispensável uma vez que é um espaço de valorização do brincar, da saúde, da socialização e do bem-estar que promove nas crianças, sendo um projeto diretamente voltado para qualidade de vida das crianças que se encontram em situação hospitalização.

Segundo Oliveira et al. (2009), após pesquisa junto às crianças internadas e acompanhantes no Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, foi observado que as crianças passaram a lidar melhor com a hospitalização através das atividade lúdicas realizadas com elas, muitas vezes as crianças se apresentavam agitadas ou triste e após a brincadeira mudaram completamente seu semblante ficando mais relaxadas e confortáveis.

Já para Nunes et al (2013) verificaram junto a equipe de enfermagem pediátrica, em um hospital público do Distrito Federal, que o brincar ajuda na recuperação da criança sendo de total relevância no ambiente hospitalar e contribui para um aproximação entre o paciente e o profissional de saúde.

O brincar é a essência da infância e o veículo de crescimento e, portanto, um meio que possibilita a criança explorar, descobrir, entender e conhecer o mundo ao seu redor. E, apesar de todas as limitações que a criança encontra dentro do contexto de hospitalização, foi possível comprovar esta definição através da pesquisa feita por Fortuna (2008), confirmando que o brincar durante o período de hospitalização favorece e minimiza o sofrimento vivenciado pela criança e seus familiares.

3 A BRINQUEDOTECA HOSPITALAR

Segundo Kishimoto (2011), a história da brinquedoteca teve início nos Estados Unidos, onde, um dono de uma loja de brinquedos constatou que crianças estariam entrando e roubando os brinquedos da loja, pois não tinham com o que brincar. Logo em seguida, para solucionar esse problema foi criado um serviço de empréstimo de brinquedos que existe até hoje nos Estados Unidos conhecido como Toy Loan.

No Brasil, a história das brinquedotecas teve início em 1973, na *Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)*, com a implantação da Ludoteca. Logo após, foi criada uma brinquedoteca em uma escola no bairro de Indianópolis, São Paulo (SP), com o objetivo de favorecer o brincar, onde também havia o empréstimo de brinquedos. E em 1984, foi criada a Associação

Brasileira de Brinquedotecas (ABBri), o que impulsionou o surgimento de outras brinquedotecas no país (MACEDO, 2008).

Segundo Cunha (2008) na Suécia em 1956 Yvonny Lindquist tentou introduzir no Departamento do Hospital de Umeo o trabalho com brinquedos para as crianças que estavam hospitalizadas. Contudo, sua ideia não teve sucesso pois imaginavam que os brinquedos e as brincadeiras atrapalhariam a equipe na assistência ao paciente. Porém, após muita insistência e com a ajuda do presidente da Associação Sueca de Pediatria o Dr John Lind, foi implantada e divulgada a “terapia pelo brinquedo”.

Em 1984 foi apresentado no III Congresso Internacional de Ludotecas, uma pesquisa sobre “brincar no hospital”, que abordava o trabalho voluntário desenvolvido pela Cruz Vermelha, onde realizavam brincadeiras com as crianças. Assim as brinquedotecas hospitalares foram se disseminando com o objetivo de tornar especial e divertido o tempo de hospitalização que aquela criança terá que enfrentar (CUNHA, 2008).

Existem vários locais onde podemos encontrar brinquedotecas: escolas, bairros e periferias (brinquedoteca circulante), Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Clínicas, Shopping, centros culturais, em bibliotecas, em Universidades, ambulatórios médicos e hospitais, todas visando o desenvolvimento global da criança (KISHIMOTO, 2011).

São muitos os objetivos da brinquedoteca hospitalar, Cunha (2008) pontifica, a preservação da saúde emocional, criando condições para que ela possa brincar; familiarizar a criança com o ambiente hospitalar para não a traumatizar; estimular seu desenvolvimento; fortalecer os laços entre a criança e seus familiares preparando-a para voltar para casa.

A brinquedoteca hospitalar tanto quanto outras brinquedotecas, busca estimular a brincadeira e, por conseguinte o desenvolvimento da criança que brinca. Entretanto, tem sua peculiaridade, uma vez que as atividades lúdicas aí realizadas têm o intuito de amenizar o sofrimento da criança hospitalizada em decorrência da fragilidade causada pela doença e pelo processo de internação (MACEDO, 2008).

Brinquedotecas em Hospitais, que são o foco desse capítulo, pois segundo Cunha (2008) possibilitam à criança hospitalizada o brincar e se expressar, e estão voltados ao bem estar

físico, emocional e social da criança. Este tipo de Brinquedoteca auxilia de modo terapêutico o tratamento, acelerando a recuperação da criança.

Para Cunha e Fortuna (2008), o brincar no hospital proporciona a criança a manutenção da sua autoconfiança, restabelecendo sua saúde física e mental, sendo que se a criança tem dificuldades de locomoção ou não pode sair da cama, a brinquedoteca precisa ir até ela, ou seja, o ambiente, as brincadeiras e os brinquedos são adaptados para a criança, acelerando seu retorno para casa.

Por esta vertente, Cunha e Viegas (2008) tiveram uma preocupação pertinente, sobre como funcionaria a Brinquedoteca Hospitalar, obedecendo a critérios e normas, pois, apesar de ser obrigatória sua existência, muitos hospitais não a colocam como prioridade. Para isto é necessário do apoio da direção do hospital; um espaço adequado; recursos materiais; uma boa equipe e muito planejamento.

Viegas (2008) afirma que é as perspectivas para brinquedoteca Hospitalar no Brasil são muito promissoras, sendo necessários que todas estejam voltadas para um mesmo propósito, olharem para esta causa, entendendo que humanização é isto, tratar a criança hospitalizada com dedicação e amor, utilizando a brinquedoteca como esta ferramenta para melhoria do seu tratamento.

4 CONTRIBUIÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE, PARCEIROS E VOLUNTÁRIOS PARA HUMANIZAÇÃO HOSPITALAR

Mezono (1995) afirma que ao direcionar a ótica para a essência da humanização dentro de um hospital, torna-se fundamental vivenciar uma mudança de cultura que prime por um atendimento pautado no respeito à dignidade do ser humano. É com esse olhar, que Baraúna (2005), realça que através das ações da humanização procura-se resgatar o respeito à vida humana. Ainda acrescenta que é fundamental estar atento às necessidades do outro, com respeito e dedicação.

Neste contexto, Sabatés e Borba (2005) coloca em relevo que no ambiente hospitalar é essencial que a equipe de saúde concretize uma troca de informações com as escolas e famílias das crianças hospitalizadas, a fim de discutir situações relacionadas ao seu desenvolvimento. O mesmo acrescenta, também, a importância da postura do profissional que cuida, no que se refe-

re à maneira como interage com a criança e sua família, uma vez que uma atitude acolhedora e afetiva pode estabelecer um vínculo terapêutico mais eficaz.

Segundo Viegas (2008), humanizar é o mesmo que dar condição humana; civilizar, ou seja, proporcionar ao cidadão condições de usufruir os seus direitos humanos de forma respeitosa e mútua. Por esta mesma via Calvetti, Silva e Gouer (2008), afirmam a necessidade de ouvir a pessoa hospitalizada de forma afetiva, com o intuito de acolher os seus sentimentos e perceber o paciente na sua totalidade.

Assim, Laranjeiras (2008) muito bem esclarece que uma equipe de saúde que não age de forma humanizada, por não percebe a criança hospitalizada como um todo doente, não obterá o sucesso esperado, que é a recuperação física e emocional da criança.

Transitando por esta seara, torna-se evidente que a forma de agir dos profissionais de saúde é fundamental para a adaptação, aceitação e tratamento da criança. Para isso é importante que estes, tornem as crianças participativas em seu processo de tratamento, interagindo e oferecendo oportunidade para que ela expresse e entenda o que está acontecendo. Desse modo, ela cria condições positivas no seu comportamento, o que a leve a melhor entender a nova realidade, viabilizando, assim, uma convivência favorável com a nova experiência (CUNHA, 2008).

Segundo afirmam Cunha e Viegas (2008), durante a internação hospitalar a vida da criança não estaciona, pois, seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social continua evoluindo. E assim, cuidados devem ser direcionados a fim de evitar transformações no comportamento das mesmas, uma vez que acontece uma quebra do seu ritmo habitual, pois interfere no acontecer de suas atividades cotidianas junto à família e dos amigos, seja no contexto familiar ou escolar.

Neste contexto, é importante dar ênfase aos profissionais da saúde que demonstram uma dedicação especial às crianças hospitalizadas, através da formação de grupos que buscam arrancar risos das crianças que vivenciam uma nova realidade, não muito confortável. Dentre eles vale citar os Doutores da Alegria, Os Contadores de Histórias, Enfermeiros do Riso, terapeutas do riso, entre outros (FREITAS, 2013).

Os Doutores da Alegria, surgiram da mobilização da sociedade civil, objetivando levar o humor através da arte, pautado no conhecimento e na busca de despertar a alegria nas crianças interna-

das em hospitais, bem como aos seus familiares e aos profissionais de saúde. O referido grupo dispõe de um centro de estudos que contribui para a existência de uma gestão eficaz e captação de recursos, que não visam a obtenção de lucros, mas sim levar conforto e felicidade ao público infantil enfermo. Tem como meta incentivar a diversão e equilíbrio que facilita a interação da criança com as outras pessoas(MASETTI, 2005).

Em 1986, Michael Christensen, um palhaço americano, resolveu visitar crianças internadas que não puderam ir ao espetáculo. Tal iniciativa resultou em um grande sucesso. Após significativa iniciativa Wellington Nogueira trouxe a ideia para o Brasil, o que só veio a somar no que se refere à dedicação e preocupação com o bem-estar das pessoas hospitalizadas(MASETTI, 2005). Em detrimento de tal iniciativa, hoje muitos palhaços ou mesmo pessoas da própria comunidade ou do hospital dedicam um pouco do seu tempo para oferecer momentos de alegria às pessoas hospitalizadas, contribuindo, desta forma para a melhora das mesmas, uma vez que trocam momentos de tensões, angústia e aflição por sorrisos que contribuem para a melhora do paciente, senão física, mas no mínimo emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalização na infância é um processo delicado, uma vez que a criança é submetida a procedimentos dolorosos, que rompem seus vínculos sociais, atrapalhando o seu desenvolvimento e gerando transtornos emocionais. Assim, tornou-se evidente que a garantia do direito de brincar e a presença dos pais ou responsáveis melhora o seu desenvolvimento e a reduz os danos causados pelo processo de hospitalização.

Com base nas evidências científicas, ficou esclarecido que a permanência dos pais ou responsáveis na unidade de internação, contribui significativamente para preservar e fortalecer os vínculos familiares. Constatou-se, também, que o hospital que dispõe de um espaço para a criança brincar e liberar suas energias são determinantes para a recuperação desta, o que assegura seus direitos enquanto criança.

Deste modo foi possível identificar e concluir a importância e os benefícios do ato de brincar para criança hospitalizada e a brinquedoteca como um recurso de enfrentamento as condições hospitalares tais como: recuperação da patologia, redução dos traumas psicológicos, fortalecimento dos vínculos familiares, estímulo e melhoria do desenvolvimento, ainda foi possível identificar que

através de um espaço lúdico é possível quebrar as características hospitalares e assim criar condições práticas para que a realidade de hospitalização que a criança se encontra, seja permeada pelo imaginário, revertendo seu quadro e ajudando a superar o sofrimento da internação, quebrando a barreira entre paciente e o profissional de saúde, favorecendo a concretização de um tratamento mais humanizado, o que reduz consideravelmente o tempo de internação.

REFERÊNCIAS

ANGELO, T, S; VIEIRA, M, R, R. Brinquedoteca hospitalar da teoria à prática. **Revista Arquivos de Ciência da Saúde**. 2010.

BARAÚNA, T. Humanizar a ação para humanizar o ato de cuidar. **Revista o Mundo da Saúde**. São Paulo, 2005.

BRASIL. **Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente**. Resolução nº 41 de Outubro de 1995.

_____. **Lei nº 11.104 de 21 de março de 2005**. Dispõe sobre o regulamento e instalação de brinquedotecas em hospitais. 2005.

_____. **Lei nº 8.069, de 13 Jul. 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. 1990.

CALVETTI, P, U; SILVA, L, M; GOUER, G, J, C. Psicologia da saúde e criança hospitalizada. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 9, nº 2, 2008.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo. Ed. Cultrix. 2001.

CUNHA, N, H, S. O significado da brinquedoteca hospitalar; In: VIEGAS, D (Org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

_____. Associação Brasileira de Brinquedotecas-ABB; In: Santos, S. M. P. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. 14. ed. Petrópolis:RJ: Vozes, 2011.

FEIX, E. Reflexões sobre o Lúdico; In: Rodrigues, R, P.(Org.) **Brincalhão: Uma brinquedoteca itinerante**. Petrópolis,RJ: Vozes, 2000.

FORTUNA, T, R. Brincar, Viver e Aprender. In: VIEGAS, D. (Org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

Marília Silva

KISHIMOTO, T, M. A brinquedoteca no contexto educativo brasileiro e internacional. In: OLIVEIRA, V, B. (Org.). **Brinquedoteca uma visão internacional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LARANJEIRA, M, S. Desumanização no atendimento á criança e a sua família. In: VIEGAS .D. (Org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2008.

LIMA, M, B, S et al. A brinquedoteca hospitalar a visão dos acompanhantes. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. 2015.

MACEDO, J, J, M. A criação de uma brinquedoteca hospitalar com enfoque psicodramático. In: VIEGAS et al. **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. Associação Brasileira de Brinquedotecas. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed; 2008.

MASETTI, M. **Doutores da ética da alegria da ética da alegria**. Interface - Comunic, Saúde, Educ, v.9, n.17, p.453-8, mar/ago 2005.

MENDES, K, D, S; SILVEIRA, R, C, C, P; GALVÃO, C, M. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidencias na saúde e na enfermagem**. Florianópolis, 2008.

MEZONO, J, C. **Gestão da qualidade na saúde: princípios básicos**. São Paulo: J. C. Mezono, 1995.

MITRE, R, M, A; GOMES, R. **A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde**. Ciênc Saúde Coletiva 2004.

NUNES, C, J, R, R et al. **A importância da brinquedoteca hospitalar e da terapia ocupacional sob a ótica de uma equipe de enfermagem de um hospital publico do Distrito Federal**. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 505-510, 2013.

OLIVEIRA, L, D, B et al. **A brinquedoteca hospitalar como fator de crescimento e desenvolvimento infantil: Relato de experiência**. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. 2009.

_____, V, B. O Lúdico na Realidade Hospitalar. In: VIEGAS .D.(Org.). **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2008.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SABATÉS, A, L; BORBA, R, I, H. As informações recebidas pelos pais durante a hospitalização do filho. **Rev Latino-am Enfermagem**. 2005.

Marília Silva

SANTOS, A,M,R et al. Vivências de familiares de crianças internadas em um serviço de pronto-socorro. **Rev Esc Enferm USP** 2011.

SILVA, T, M, A; MATOS, E, L, M. **Brinquedoteca hospitalar uma realidade de humanização para atender crianças hospitalizadas.** IX Congresso nacional de Educação-EDUCERE,III encontro Sul brasileiro de Psicopedagogia. 2009.

WIEZZEL; VILLELA. A brinquedoteca e o brincar no hospital: dialogo entre o lúdico e o terapêutico. **Nucleus- Revista Científica da Fundação Educacional de Ituverava**, v.5, n.2, out. 2008.